

2 Ensaio o espetáculo

O circo está impregnado de metáforas e de simbologias. Cada movimento e gesto possuem um sentido mais profundo do que a sua mera apresentação.

Tudo é possível no circo. Facas podem ser engolidas, pratos lançados no ar. No trapézio, humanos podem alçar vôo, chicotes domam animais selvagens e em cada novo ato ocorre a transgressão do que até então era suposto ser natural. O corpo, a cada apresentação, supera desafios, perigos e até a própria morte.

O risco, portanto, dentro do ato circense, se estabelece como elemento chave para a compreensão da metáfora do que é o circo. Sem o risco, o circo não haveria. O que atrai o público é, na verdade, a constante alusão ao perigo, ao medo de um possível desastre futuro, o risco de um milímetro de imprecisão colocar tudo a perder. Porém, é justamente a incerteza que faz do êxito um espetáculo. A destreza dos corpos, que superam obstáculos quase inumanos, torna o ato circense formidável. Mário Fernandes Bolognesi (2004, p. 2) afirma que “a proeza delimita o extraordinário.”

Abrem-se, então, no picadeiro, caminhos para se pensar o impensável, para se ousar o impossível. Nesse sentido, o circo nos lembra que existem maiores possibilidades do que antes se poderia supor. Mesmo em situações onde o risco possa estar presente, existe a possibilidade de êxito. Se existe a possibilidade do fracasso, existe também a do sucesso. Na lógica do circo, o treinamento e a educação do corpo ampliam essa probabilidade de conquista. Não se pretende confirmar, com esse tipo de afirmação, o ideal neoliberal de que basta o esforço próprio para se alcançar o que se deseja. Não é uma afirmativa que pretende reforçar a meritocracia. Mas é uma metáfora que fala de necessidade de se tentar transgredir o que poderia se supor natural e a realizar o aparente impossível. Nasce, assim, a esperança. Segundo Paulo Freire (1979, p. 30), “Eu espero na medida em que começo a busca, pois não seria possível buscar sem esperança.” A esperança que o circo mostra é capaz de levar à superação dos desafios. Todavia, Paulo Freire (1979) coloca que a esperança capaz de trazer “transformação” é a esperança crítica.

Do circo tiramos ainda uma outra imagem. Indo contra a corrente do individualismo e da meritocracia atual, o circo nos mostra, através do coletivo,

que devemos perceber a necessidade de se superar limites e barreiras até então intransponíveis. No circo, não existem muitos números realizados por uma pessoa sozinha. Pelo contrário, quanto maior o número de pessoas envolvidas, maior será o perigo do ato circense, mais interessante será para o público e maior será o êxtase quando os limites forem superados.

O trapezista confia a sua vida nas mãos de outro quando ele se lança ao ar. Ele precisa ter a certeza de que não será decepcionado, de que o outro trapezista não o deixará cair. Esse tipo de certeza não se estabelece facilmente. Não é apenas o treinamento dos corpos isolados que leva a esse tipo de superação. Mas é necessário que se desenvolva uma “reciprocidade” entre os participantes. Uma coletividade precisa nascer para que uma interdependência exista de forma concreta e absoluta, caso contrário, não poderá haver confiança.

Ambas as metáforas trazem questões importantes com relação ao debate sobre identidade. Em um primeiro momento, se percebe um corpo, um indivíduo que supera desafios, e, depois, um indivíduo que, coletivamente, supera desafios ainda maiores. Pensar essa coletividade é pensar a relação entre indivíduo e seu contexto social. Os movimentos de um determinado ator circense possuem pausas e continuidades próprias e individuais, mas que tomam forma mediante as pausas e movimentos do seu parceiro no picadeiro. Ao mesmo tempo em que se pode perceber uma individualidade de ações, também fica claro que essas ações sofrem repercussões das ações alheias. Essa relação de mútua influência, dependência e “transformação” também se percebe no plano das relações dos indivíduos, na formação de suas identidades. Apesar de a identidade ser particular a um indivíduo, ela sofre reverberações das ações coletivas.

Não foi em vão, portanto, que o Se Essa Rua Fosse Minha, desde o início, tenha tido no circo seu alicerce. A opção pela metodologia do Circo Social não foi aleatória.

Esta percepção alertou os educadores para o enorme potencial de uma metodologia que pudesse trabalhar ao mesmo tempo, concentração, disciplina, capacidade de cuidar do outro, solidariedade, trabalho em equipe e controle do corpo e da expressão num contexto de ludicidade que, mantendo um nível alto de desafio, que se assemelha ao que os meninos e meninas encontram na rua, conseguia estimular também o gosto pelo conhecimento. (METODOLOGIA..., p. 2)

A escolha pela metodologia do Circo Social, segundo o texto “Conceitos Norteadores da Proposta Metodológica”, tem na arte um elemento de motivação, integração e “transformação”. Essa proposta de arte-educação pretende o desenvolvimento da cidadania cultural dos meninos e meninas participantes do Se Essa Rua Fosse Minha. A escolha por essa metodologia se deu logo no início da fundação do SER, quando os educadores observavam as brincadeiras das crianças e adolescentes em situação de rua, percebendo as habilidades desenvolvidas por eles e também a forma como essas habilidades eram “passadas de uns para os outros, num impressionante processo de ensino/aprendizado centrado no lúdico.” (CONCEITOS..., p. 4)

No texto “Metodologia do Circo Social do SER” é reforçada a idéia de que todas as práticas educativas tomam como ponto de partida o “saber da criança” (METODOLOGIA..., p. 5). Se o educando é a base na qual é constituída a ação educativa, pode se dizer que a construção de sua identidade também é.

A necessidade de se trabalhar com metodologias que permitissem o aflorar dos saberes e competências dos educandos, levou o Se Essa Rua a desenvolver o seu em torno das implementações de espaços de convivência pedagógica e comunitária, onde por meio da troca de atividades e saberes artísticos e culturais, criam-se condições para o desenvolvimento de processos que objetivam atingir maiores níveis de autonomia e apropriação crítica da realidade por parte dos jovens e suas famílias (...) (CONCEITOS..., p.2)

A cultura e a identidade dos meninos e meninas são, portanto, a base de toda a metodologia do Circo Social. Parte-se do conhecimento desses meninos e meninas para a vivência de uma possibilidade de “transformação”. Essa “transformação” proposta pelo SER não é, todavia, uma “transformação” dissociada do âmbito político e engajado. O desenvolvimento da cidadania dos meninos e meninas participantes do SER depende, portanto, não só do desenvolvimento das capacidades pessoais e individuais, mas depende também do desenvolvimento da idéia de coletivo. Não existe engajamento político e social, no sentido de se gerar uma “transformação”, sem uma ação conjunta e articulada entre os diferentes participantes desse coletivo. No texto “Tutela e Autonomia”, faz-se menção de que o desenvolvimento da autonomia dos jovens de classes populares envolvidos nos projetos só pode ser frutífera se houver um engajamento e um comprometimento político com a construção de um mundo melhor. O

individual e o coletivo precisam andar juntos para que a “transformação” ocorra de fato. Como já foi elucidado anteriormente, o circo é uma metáfora rica neste sentido.

A circense é por essência uma arte integrada que materializa o conceito de autonomia e reciprocidade. Assim, as habilidades desenvolvidas possibilitam a materialização deste conceito, uma vez que dão ao jovem a possibilidade de fazer escolhas e caminhar no ritmo de seu próprio desenvolvimento (o que responde ao princípio da autonomia) e ao mesmo tempo entender que, independentemente da escolha que faça, ele sempre terá que contar com o apoio e a complementaridade do trabalho de alguém (o que responde ao princípio da reciprocidade). (METODOLOGIA..., p. 4)

Os conceitos de “autonomia” e de “reciprocidade” são distintos, porém relacionados um ao outro no trecho acima. O desenvolvimento da identidade dos participantes do Se Essa Rua Fosse Minha leva em conta essas duas dimensões de forma interdependente. Outro conceito, relacionado aos acima mencionados, é o do “protagonismo juvenil”, que pretende incentivar os jovens a serem os sujeitos responsáveis pela intervenção e “transformação” da realidade, mas ao mesmo tempo percebendo sua importância enquanto formadores de opinião na mobilização coletiva desta mesma intervenção e “transformação” da realidade. A categoria “protagonismo juvenil”, que aparece em muitos textos do SER, inclusive no do projeto Dando Bola Para a Vida, é, no entanto, questionado por Cláudio Barria, coordenador de projetos do SER.

Esse conceito é complicado para mim, para nós também. (...) a imagem que mais prevalecia sobre o protagonismo era aquela que uns se destacam mais dos que outros. Aqueles que são protagonistas. Se tem protagonista, tem um bando de coadjuvantes. (...) E se todos se destacaram, não tem protagonistas e também não tem coadjuvantes. A gente é contrário a isso de protagonismo.

Apesar da ressalva feita por Cláudio, “protagonismo” ainda é uma categoria usada pelo SER, particularmente nos textos institucionais, pois no contexto das entidades financiadoras e instituições com as quais mantém contato, essa é uma categoria que goza de ampla aceitação e facilita o diálogo.

Para contribuir com a idéia de que os jovens devem ser sujeitos de sua própria história, o SER criou os “Grupos Operativos de Criação” (COG). Os COG

têm o intuito de desenvolver nas crianças e adolescentes o compromisso com o grupo e fomentar um maior engajamento com a “comunidade”. Eles pretendem isso através da linguagem artística e da abordagem de questões temáticas como violência, sexualidade, identidade, drogas, etnia, infância e juventude, entre outros. “Eles funcionam como multiplicadores das discussões levantadas ao longo dos trabalhos desenvolvidos, procurando vias de comunicação com a “comunidade” e o conjunto da sociedade.” (CONCEITOS..., p. 3)

A “transformação” proposta pelo Circo Social requer a ação coletiva, não incluindo apenas os que estão participando das atividades circenses. O coletivo engloba também os expectadores. A “comunidade” dos meninos e meninas é incluída no sonho circense no momento em que assiste as apresentações. Quando a platéia vê algum ato excepcional, apesar de flagrar sua incapacidade de realizar tais feitos, percebe, também, que limites podem ser rompidos e que limites que eram entendidos como naturais podem ser superados. Essa percepção cria entre o expectador e o circense, a despeito das claras diferenças entre ambos no quesito de capacidade corporal, um elo que possibilita que a “comunidade” onde os meninos e meninas participam do SER seja também contagiada pela idéia transformadora do circo.

O SER busca o desenvolvimento das identidades dos seus participantes através do fortalecimento do elo destes com a sua “comunidade”. A ONG inclui nos seus projetos e nos seus textos teóricos a necessidade de “espaços de convivência”. Esses espaços têm o intuito de possibilitar uma relação saudável entre os educandos e a sua “comunidade”. No texto “Justificativa do Programa SER”, eles afirmam que a falta de “espaços de convivência” repercute negativamente na vida dos meninos, das meninas e da própria “comunidade”. A falta desses “espaços de convivência” ocasiona uma falta de oportunidades sociais, dificultando o surgimento de novas formas de organização dentro da “comunidade” e até a formulação de propostas diferenciadas de organização para o mundo do trabalho.

Nos textos do Se Essa Rua Fosse Minha aparece constantemente a necessidade de serem criados esses espaços para que a interação social aconteça de forma saudável entre os educandos e a “comunidade”. Mas, além de criar a possibilidade de interação, os “espaços de convivência pedagógica” devem servir para fomentar a criatividade e a produção cultural dentro da “comunidade”.

Na citação da página três do texto “Conceitos Norteadores da Proposta Metodológica”, aparece o termo “troca”. Esse termo é de suma importância na compreensão desses “espaços de convivência”, pois é justamente na “troca”, e não em uma relação hierarquizada de saber, que as relações sociais e a idéia de coletivo irão se desenvolver. Em relações em que a hierarquia dita as normas sociais, não pode haver o desenvolvimento da “autonomia”, pois o que se cria é, na verdade, uma relação de dependência. Nas situações em que a troca existe e os indivíduos estão em um patamar de igualdade, a inter-relação gera a “autonomia” e o senso de coletividade.

O texto “Metodologia do Circo Social” faz uma definição muito clara do que são esses espaços e de sua importância na construção da identidade coletiva dos seus participantes

Os espaços de convivência são ao mesmo tempo espaços físicos e afetivos, espaços metodológicos abertos de experimentação pedagógica e de descoberta das relações sociais por parte das crianças e adolescentes. São assim, espaços de possibilidades, porque são, antes de tudo, espaços de escuta ativa, de troca, de diálogo, onde são cotidianamente negociados os sonhos, desejos, as normas e os saberes; espaços que, por isso, desenvolvem o sentido de pertencimento, a responsabilidade e a identidade coletiva.

Eles têm demonstrado ser um interessante modo de as crianças e adolescentes perderem o medo de se sentir/saber parte de um coletivo, de se atreverem a sonhar um espaço/mundo diferente daquele que até agora conheceram, sentindo-se assim, instigados à participação social e ao aprendizado coletivo, desejando desenvolver ao máximo suas competências. (METODOLOGIA..., p. 2 e 3)

Esses “espaços de convivência” são, portanto, além de espaços de aprendizado de técnicas circenses, espaços que devem permitir uma troca social e afetiva. A afetividade, que deve se fazer presente, permite o desenvolvimento de segurança e confiabilidade mútua. E é a partir dessa confiança que os meninos e meninas podem ser capazes de acreditar e lutar por “transformação”.

Para trabalhar a identidade dos meninos e meninas torna-se necessário, então, não só a criação desses “espaços de convivência”, mas também a construção de uma idéia de coletivo dentro desses espaços. Voltando à metáfora inicial do circo, o trapezista confia sua vida nas mãos do outro trapezista, para que ele possa se lançar ao ar. Confiança e “reciprocidade” são palavras importantes

para o desenvolvimento de uma identidade construída, de forma saudável, sobre a idéia do coletivo.

Outro aspecto que demonstra a preocupação do SER com as identidades de seus participantes, que também está presente na sua documentação, é a forma pela qual eles são chamados. O termo utilizado pelo SER é “meninos e meninas em situação de rua”(RESUMO..., p. 1). Essa categoria, por eles adotada, faz uma clara distinção que pode ser percebida no nível identitário. Não os chamam de meninos e meninas “de” rua e sim “em situação de” rua. Assim, faz-se uma clivagem entre o “ser” de rua e o “estar” na rua. Esses meninos e meninas não são de rua. Eles meramente ocupam este lugar. Isso traz conseqüências não só na forma como esses meninos e meninas são vistos, mas também na perspectiva de mudança implícita. Se um indivíduo “está” algo, ele pode vir a transformar essa condição. Se o indivíduo “é” algo, essa condição indica uma maior solidez e maior dificuldade transformadora. Ou seja, não se trata de uma visão reificada ou assistencialista.

O cuidado que o SER demonstra com a forma como chamam os meninos e meninas, percebendo a importância do nome dado a eles na formação de sua identidade, me fez pensar na obra de Gilberto Velho. Para ele, a identidade é formada pela *memória*, biografia e trajetória de vida de um indivíduo; pelo presente deste indivíduo e pelos seus *projetos* futuros. “O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos; em outros termos, à própria identidade.” (VELHO, 2003, p. 101) Não se pode analisar a identidade de um indivíduo sem perceber o que fez com que esse indivíduo se tornasse daquela maneira, onde ele está no momento e para onde esse indivíduo deseja e/ou pode ir.

Nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia, por conseguinte, é fundamental. (...) É a progressiva ascensão do indivíduo psicológico, que passa a ser a medida de todas as coisas. Suas experiências pessoais, seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, traumas, triunfos etc. são os marcos que indicam o sentido de sua singularidade enquanto indivíduo, que é constantemente enfatizada. (VELHO, 2003, p.100)

A *memória* é a trajetória vivida por um indivíduo, como define Velho. Essa *memória* pode ser individual ou compartilhada coletivamente. Todavia, a

memória não é a réplica fiel de um todo vivido, de todos os elementos possíveis em um dado momento. Mas *memória* é seletiva, depende dos fragmentos que são selecionados, dos que são esquecidos e de como esses fragmentos são organizados e articulados. Tanto a *memória*, como seleção e ordenação particular, contribui para a formação de uma determinada identidade, como uma determinada identidade contribui para certa seleção e ordenação da *memória*.

O processo de seleção e valoração dos elementos que constituirão a *memória* também é fruto de uma negociação social. Algumas vezes pode até vir a gerar conflito.

“A consistência e o significado desse passado e da memória articulam-se à elaboração de projetos que dão sentido e estabelecem continuidade entre esses diferentes momentos e situações.” (VELHO, 2003, p. 103). A *memória* e o presente oferecem ao indivíduo um caminho que ele poderá trilhar para construir o seu *projeto*. Ao passo que a *memória* possibilita o olhar para o passado, uma visão retrospectiva, como afirma Gilberto Velho, é o *projeto* que possibilita olhar para o futuro, a visão prospectiva.

Assim como a *memória* é compartilhada em certos momentos, também o é o *projeto*. Gilberto Velho ressalta, porém, que, mesmo que existam *projetos* que sejam compartilhados, ele nunca é vivenciado por todos os indivíduos de forma homogênea. Irão existir entre eles diferentes formas de apropriação, interpretação, trajetória, valoração etc.

Gilberto Velho define *projeto* baseado em Alfred Shultz: “(...) nos termos deste autor, é a conduta organizada para atingir finalidades específicas.” (VELHO, 2003, p. 40). Essa conduta organizada, no entanto, não é feita de forma calculada e com armação de complexas estratégias de ação. O que tanto Alfred Shultz quanto Gilberto Velho mostram é que essa articulação do *projeto* envolve, necessariamente, os valores, as emoções, os preconceitos dos quais os indivíduos estão imbuídos.

Ao se pensar que a identidade de um indivíduo é formada parte pela *memória* e parte pelo *projeto* deste indivíduo específico, não se pode esquecer da importância do social nesta constituição. Ambos os elementos são cunhados na interação social deste indivíduo e do seu grupo social, e, mais do que isto, a *memória* e o *projeto* precisam encontrar um sentido social, para que, pelo social, sejam reconhecidos.

Ainda segundo Gilberto Velho, o *projeto*

Por mais velado ou secreto que possa ser, ele é expresso em conceitos, palavras, categorias que pressupõem a existência do Outro. Mas, sobretudo, o projeto é um instrumento básico de *negociação de realidade* com outros autores, indivíduos ou coletivos. Assim ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações *para o mundo*. (VELHO, 2003, p. 103)

É interessante a colocação de Gilberto Velho de que o *projeto* é uma *negociação com a realidade*, pois é quando um indivíduo faz seu *projeto* que ele define um campo de ação que vai mediar sua atuação com a realidade e com os seres sociais que permeiam essa realidade.

Gilberto Velho afirma que o *projeto* é fruto de uma deliberação consciente que parte das circunstâncias e do *campo de possibilidades* no qual o indivíduo está inserido. “Isso implica reconhecer limitações, constrangimentos de todos os tipos” (VELHO, 2003, p. 103 e 104). Para ele, a noção de *campo de possibilidades* funciona como um limitador da identidade, ou, como diria Dubar (1997), *identidades possíveis*. Os indivíduos não têm acesso a todas as possibilidades de *projeto*. Existem limitadores tais como sexo, idade, escolaridade, grupo social a que pertencem, interesse, preconceitos, regras sociais etc. E como já foi anteriormente mencionado, as possibilidades de formulações desses *projetos* são mais restritas para uns do que para outros. O processo não se dá, portanto, de forma democrática e justa.

Portanto, a *memória* e o *projeto* são o que dão forma e sentido às identidades, mas essas identidades só poderão se desenvolver num campo de *possibilidades específico*. Gilberto Velho afirma:

Na sociedade moderno-contemporânea o indivíduo, como já foi observado, está exposto a múltiplas experiências, contrárias e eventualmente fragmentadoras. A memória e o projeto, de alguma maneira, não só ordenam com dão significado a essa trajetória. (VELHO, 2003, p. 102)

A questão que se coloca então na proposta pedagógica é de como ampliar esse *campo de possibilidades*, tanto no sentido das percepções individuais, como na ampliação das oportunidades sociais. E para a ampliação dos dois horizontes é de fundamental importância a percepção que o indivíduo tem de si mesmo, de

como ele se rotula e é rotulado. Então, quando o SER opta por não chamá-los de meninos e meninas “de” rua e sim em “situação de rua”, a ONG está aceitando o fato de que nem sempre foram de rua, quebrando o rótulo e gerando uma reflexão sobre eles. Se nem sempre foram de rua, qual seria sua história então? Quando não se utilizam termos taxativos abre-se um caminho para a construção do histórico pessoal e coletivo desses meninos e meninas. Abre-se a possibilidade e a capacidade de ouvir e de conhecer. Coloca-se, assim, a questão da *memória*, mencionada por Gilberto Velho. E admitir que possuam um histórico é admitir também a existência de um futuro, de um *projeto*, e, principalmente, da possibilidade de “transformação” desse futuro. Essa possibilidade é sem dúvida um alargamento do *campo de possibilidades* desses meninos e meninas. O *projeto* que eles poderão vir a desenvolver terá como base justamente essa possibilidade transformadora.

Contudo, não se restringe ao puro e simples resgate histórico das expressões artísticas passadas, mas passa necessariamente pela capacidade real de poder continuar transformando esses elementos, somando a eles todos aqueles que fazem parte da vida das novas gerações. (JUSTIFICATIVA..., p.2)

Nesse trecho, fica colocado o resgate da *memória*, bem como a idéia de que essa *memória* é o pano de fundo para a construção de um *projeto* futuro.

Apesar de ser feita referência aos “meninos e meninas em situação de rua” que são trazidos pelo *Núcleo de Abordagem de Rua*, também são participantes as crianças e adolescentes das “comunidades” de classe popular atendidas pelo SER. Aliás, esse é outro termo que demarca as posições teóricas do Se Essa Rua em relação à identidade de seus educandos. Não é recente nem exclusividade do SER a substituição da categoria “carente” pela categoria “popular”, mas, com certeza, essa opção mostra uma visão que não pretende ver os educandos como esvaziados, como não possuidores de uma cultura e uma identidade próprias, como poderia sugerir o termo “carente”.

Do mesmo modo, nossa experiência junto às crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, nos mostrou uma realidade totalmente diferente da visão que se costuma ter dos chamados setores *excluídos* ou *carentes*: um enorme potencial humano de criatividade e de valores de integração social permite a subsistência e outorga à vida dessas pessoas um que de dignidade. (JUSTIFICATIVA..., p. 1)

O SER tem uma visão do potencial criativo dos seus educandos, por tal motivo não pode utilizar o termo “carente”. Essa escolha de palavras feita pelo SER não é aleatória, o que demonstra uma clara preocupação com o olhar que está sendo lançado sobre as crianças e adolescentes participantes da ONG e sobre suas identidades.

Sempre está presente, nos documentos do SER, a preocupação com a “transformação” social. Logo na primeira frase do texto “Conceitos Norteadores da Proposta Pedagógica” existe a seguinte afirmativa: “A proposta pedagógica do SER está baseada na Arte como elemento de motivação, integração e desenvolvimento e, pelo seu caráter polissêmico, potencializador do processo de transformação” (CONCEITOS..., p. 1). Portanto, a “transformação” é um dos objetivos centrais do trabalho desenvolvido. Gilberto Velho (2003) chama essa “transformação” de *potencial de metamorfose*. Ele se respalda em Shultz (1976), que afirma que, quando pessoas compartilham de forma coletiva definições comuns da realidade, mesmo que momentaneamente, elas operam numa mesma *província de significados*, ou, como Geertz (1978) diria, numa mesma *rede de significados*. Essas *províncias* são flexíveis e se moldam dentro dessa *negociação da realidade*. Para Gilberto Velho, a capacidade de transpor de uma *província* em direção a outra é o *potencial de metamorfose*. Podemos relacionar, então, a teoria de Velho com a metáfora presente no circo, pois ambos nos falam, um de forma simbólica, outro de forma teórica, sobre o potencial de “transformação” individual.

(...) a noção de metamorfose deve ser usada com o devido cuidado, pois os indivíduos, mesmo na passagem e trânsito entre domínios e experiências mais diferenciadas, mantém, em geral, uma identidade vinculada a grupos de referência e implementada através de mecanismos socializadores básicos contrastivos, como família, etnia, religião etc. (...) A metamorfose de que falo possibilita, através do acionamento de códigos, associados a contextos e domínios específicos – portanto, a universos simbólicos diferenciados – que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos. (VELHO, 2003, p. 29)

O trecho acima elucida o fato de que a *metamorfose* possibilita uma constante readaptação e “transformação” da identidade. Além disso, ele nos

mostra também que os grupos de referência são importantes balizadores para que as transformações e metamorfoses ocorram.

O SER propõe uma “transformação” que leve seus participantes a ocuparem uma *província de significados* na qual a criticidade tem um papel importante.

Nesse sentido, o desenvolvimento da capacidade crítica e da sensibilidade criadora, entre outros, são objetivos pedagógicos centrais nessa proposta que, com base no respeito nos saberes dos educandos como ponto de partida dos processos educativos, tem como horizonte uma perspectiva transformadora. (CONCEITOS..., p.1)

Na proposta de “transformação” do SER, ligada ao *potencial de metamorfose*, está presente, deste modo, o desenvolvimento da capacidade crítica.

Dentro da metodologia do Circo Social do SER, outro elemento importante é o corpo. Apesar de as atividades do circo fazerem uso de inúmeros materiais, como o trapézio, o monociclo, os diabolôs, dentre outros, o elemento básico é o corpo. É este que enfrenta o risco da possibilidade da morte. A arte circense coloca o corpo do artista em uma relação entre limite e superação. O corpo e os desenhos criados pelo seu movimento tornam visível a metáfora do circo.

No que se refere à identidade, o corpo também é de suma importância. O corpo é o elemento concreto da subjetividade humana. É um marco de delimitação identitária visual, através de traços, trejeitos, movimentos, vestimentas e atitudes.

Segundo Mauss (1974), o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Como instrumento, o corpo funciona mediando as relações sociais. Para além da mediação social, o corpo é em si um elemento social. Em seu texto intitulado “Técnicas Corporais”, ele descreve como o corpo reflete as diferentes formas de sociabilidade e cultura no qual está inserido. O corpo produz, continuamente, significado. A maneira de se vestir, de andar, de gesticular não são naturais e sim o resultado de uma interação social. Então, de acordo com Marcel Mauss, o corpo tem uma dimensão social.

A identidade também aflora através do corpo. As subjetividades contornam o desenho e os movimentos do corpo. É possível dizer, inclusive, que é o corpo que permite a manifestação e o reconhecimento social da identidade.

Portanto, para se trabalhar com a identidade, há que se trabalhar com a materialidade do indivíduo.

A proposta do Se Essa Rua é trabalhar o corpo dos meninos e meninas numa perspectiva não só de adequá-lo às atividades circenses, mas, principalmente, de usá-lo como meio de “sensibilização” e “transformação”. Neste sentido, o trabalho corporal também visa ao alargamento do *campo de possibilidades*.

O corpo tem dimensão espacial na relação pedagógica. É o ponto de partida no processo de auto (re)conhecimento, trocas, afetos, e na comunicação e expressão. (METODOLOGIA..., p. 1)

O mesmo texto, “Metodologia do Circo Social”, traz a idéia de que a vida desses meninos e meninas das classes populares faz com que eles desenvolvam, muitas vezes, atitudes corporais agressivas ou defensivas. Muitos deles chegam à ONG apresentando fortes marcas de violência física. Tudo isso contribuiu para o desapego afetivo do corpo. O texto elucida, ainda, que a escola, por se preocupar com a disciplinização dos corpos, não vem contribuindo para a mudança desse quadro e muitas vezes o agrava. O trabalho com o corpo torna-se, por esse motivo, central na proposta metodológica do SER. A ampliação do *campo de possibilidades* parte do corpo, levando-o a ultrapassar limites, para depois se expandir às outras áreas da vida dos meninos e meninas participantes do Se Essa Rua Fosse Minha.

A partir desta análise documental, se pode perceber como o circo é mais do que uma escolha metodológica. Torna-se um instrumento fundamental em uma proposta e em uma ideologia de “transformação”. Nos termos de Gilberto Velho, o circo propicia a construção dos *projetos* que possibilitam o *potencial de metamorfose* e a ampliação do *campo de possibilidades*, o que é fundamental no desenvolvimento mais autônomo e democrático das identidades.